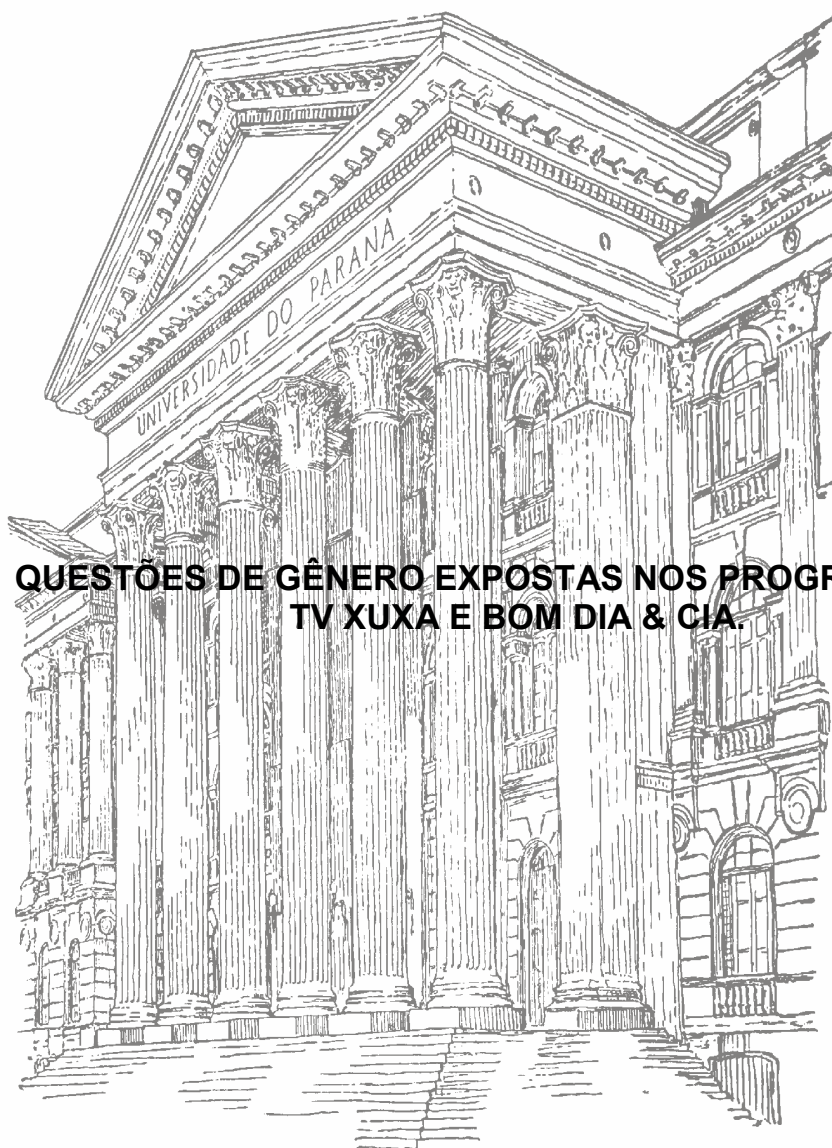


**Marcio Fontoura dos Santos.**



**QUESTÕES DE GÊNERO EXPOSTAS NOS PROGRAMAS INFANTIS  
TV XUXA E BOM DIA & CIA.**

**CURITIBA**

**2007**

**Marcio Fontoura dos Santos.**

**QUESTÕES DE GÊNERO EXPOSTAS DENTRO DOS PROGRAMAS  
INFANTIS TV XUXA E BOM DIA & CIA.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr. Rogério Goulart da Silva.

**CURITIBA**

**2007**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Marcio Fontoura dos Santos.**

### **QUESTÕES DE GÊNERO EXPOSTAS DENTRO DOS PROGRAMAS INFANTIS TV XUXA E BOM DIA & CIA.**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:**

**Orientador:** Prof. Dr. Rogério Goularth da Silva.  
Departamento de Educação Física, UFPR.

**Banca:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Regina da Costa.  
Departamento de Educação Física, UFPR.

**Curitiba, 30 de novembro de 2007.**

A televisão me deixou burro, muito burro demais  
Agora todas as coisas que eu penso me parecem iguais...  
A luz do sol me incomoda, então deixo a cortina fechada  
E que a televisão me deixou burro, muito burro demais  
E agora eu vivo dentro dessa jaula junto dos animais...

(Titãs, 1985).

# Dedicatória:

Primeiramente dedico este trabalho a Deus, um ser superior que em horas difíceis auxiliou-me, não deixando que desanimasse, mas sempre esteve ao meu lado guiando meus passos.

Este trabalho também é dedicado a duas pessoas especiais em minha vida meu pai Odair e minha mãe Iracy, por proporcionarem a minha pessoa à oportunidade de estudar e pelos momentos de afago nas horas difíceis. A minha irmã Daniele e seu noivo e meu grande amigo Peterson que apesar de certos desentendimentos auxiliaram-me muito na coleta de textos e materiais para o presente trabalho, dentre outros.

A minha noiva Sandra pelos momentos maravilhosos vividos ao meu lado ao longo destes dois últimos anos, por confiar em meu potencial estando presente nos bons momentos assim como nos momentos difíceis da minha vida e a sua família que me acolheu e de certa forma teve participação neste trabalho.

Ao professor Rogério meu orientador que sempre se mostrou interessado no tema deste trabalho e que norteou-me ao longo desta pesquisa. E a querida professora Maria Regina que instigou-me a pensar a temática do presente trabalho e pelo auxílio durante a construção do mesmo.

Aos colegas de faculdade em especial a uma amiga muito querida chamada Ana Paula, pelo apoio, amizade e confiança depositados em mim ao longo destes anos na faculdade e auxílio na construção deste trabalho.

Aos amigos em especial aos da *life fitness* pelos bons momentos de descontração vivenciados durante estes anos de amizade.

Agradecimentos: A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a construção deste trabalho e também aos que participaram do processo de educação da minha pessoa, desde a tenra idade até os dias atuais.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	VIII
INTRODUÇÃO .....	
CAPÍTULO I .....	7
1.1 - OS EMBATES FEMINISTAS.....	7
1.2 - CONCEITO DE GÊNERO: UM CONCEITO RELACIONAL E PLURAL. ....	14
CAPÍTULO II .....	25
2.1 - UM HISTÓRICO SOBRE A TELEVISÃO .....	25
2.2 MÍDIA TELEVISIVA NA INFÂNCIA .....	27
CAPÍTULO III .....	35
3.1 MÍDIA TELEVISIVA E GÊNERO.....	35
METODOLOGIA .....	41
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....	52
REFERÊNCIAS.....	57

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar a influência dos programas infantis TV Xuxa e Bom dia e Cia sobre a criança, especificamente, o que norteia as questões de gênero exibidas através de linguagens, vestimentas e papéis do masculino e do feminino vislumbrados através dos desenhos, personagens e propagandas exibidas pelas emissoras. Observa-se, também, o papel da família e da escola no sentido de neutralizar e/ou estimular os efeitos prejudiciais da programação assistida. Paralelamente a isso conceitua-se gênero e mídia buscando entender o que se observa dentro dos programas infantis, na intenção de nortear o leitor sobre a temática discutida durante o estudo. Registra-se a partir daí certos comportamentos estimulados pelos programas e reforçados pelos pais e comerciais exibidos pela televisão. Assim pontua-se o papel do professor diante da relação criança/ programas infantis exibidos pela televisão.

Por fim é ressaltado que para solução desta questão é necessária uma atuação conjunta entre família, escola e emissoras de televisão.

**Palavras-chave:** Gênero. Programas infantis. Influência. Papel do professor de educação física. Família. Escola.



## INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade observam-se formas freqüentes de discriminação envolvendo mulheres, e homossexuais, femininos e/ou masculinos. Ao longo da história do mundo ocidental se privilegiou o sexo masculino, heterossexual como se este fosse o dominador e ao sexo feminino também heterossexual o papel de submisso e/ou inferior a ele. Assim como aos homossexuais cabe a discriminação desta sociedade patriarcal, pois esta não aceita o dito diferente, que foge do comum e/ou que burla as regras, sendo os indivíduos identificados como alvos de discriminação, violência e conseqüentemente são estereotipados em relação aos seus papéis sexuais. Ao analisarmos os papéis que são oportunizados às mulheres heterossexuais e aos homossexuais dos dois sexos dentro da sociedade, veremos formas de desigualdades em comparação com o sexo masculino heterossexual, no que diz respeito ao âmbito familiar, no trabalho, na escola, nos esportes e/ou atividades de lazer, etc.

Essa situação perdura ao longo dos anos na sociedade, porque esta até os dias atuais sofre com um modelo hegemônico que existe entre a relação homem/mulher que é conhecido como modelo patriarcal, que tem engendrado dentro de si discriminação ao sexo feminino. O patriarcado tende a impor o que são comportamentos ou modelos de ser ou agir, gestos e atitudes femininas e as masculinas também.

Entendo gênero levando em consideração seus conceitos como sendo a diferença dos sexos e entre os sexos. O que se exige para entender este conceito é pensar de modo plural, que a diferença implica no fato de que, em nossa sociedade nascemos só homens ou mulheres, o conceito de gênero engloba todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (DAGMAR MEYER, 2003).

Estas questões de gênero estão expostas na mídia, pois esta faz parte da chamada indústria cultural e exerce certa influência entre os indivíduos de nossa sociedade, principalmente a mídia televisiva. De tal modo que a televisão, em todo momento mostra o corpo, seja ele feminino ou masculino, contribuindo ainda para um processo de mercadorização deste corpo. Estas questões são inquietantes. Por isso, neste estudo, volto minha atenção aos programas televisivos direcionados ao público infantil, no qual às crianças podem estar recriando estes modelos citados anteriormente, modelos estes que podem perdurar ao longo de suas vidas. “A televisão apresenta uma visão de mundo adultocêntrica, com estereótipos sexuais e étnicos; que impõem um estilo de vida baseado em valores individualistas e competitivos; que apresenta um mundo linear e homogêneo, sem espaço para diferenças e contradições” (Márcia Leite, 1998, p.104).

A mídia televisiva exerce um papel educativo tanto em crianças quanto em jovens e adultos, e chama minha atenção à liberdade como esse papel educativo é exercido pela televisão.

Esse papel educativo geralmente é utilizado pelas crianças para responder dúvidas que as mesmas têm sobre assuntos polêmicos, que geralmente deixam de ser abordados na escola e/ou junto com suas famílias, pois esses assuntos geralmente são tidos para muitos como tabus.

Não nego que a televisão em determinados momentos possa transmitir através de seus programas conteúdos educativos e informativos. Contudo, em outros momentos a televisão pode estar submissa a interesses do público, os quais geralmente estão ligados a temas voltados à sexualidade e à violência, geralmente apresentas de formas apelativas.

Embora entenda que o contexto familiar, social e escolar, no qual a criança está inserida influi em seu comportamento e em sua construção de valores e identidades, estou ciente que a televisão através de seus programas possa influenciar na determinação de comportamentos dentro deste processo de construção de identidades e valores.

... a respeito da constituição dos sujeitos na cultura, que se processa através de dispositivos de poder, saber e produção de sujeitos. Coloca-se no centro do debate a televisão como *lócus* privilegiado de veiculação, reforço e também produção de certas maneiras de ser e estar no mundo de hoje. A materialidade discursiva da televisão vive e transpira práticas e saberes atrelados a sofisticadas relações de poder, os quais participam efetivamente da produção de sujeitos, da constituição de identidades da criança, menino, menina, mulher e homem (Rosa Fischer, 2002, p.51).

A partir dessa ótica construo este trabalho para refletir, como estão expostas pela mídia televisiva as questões de gênero, nomeadamente, nos programas infantis TV Xuxa (emissora Globo) e Bom Dia & Cia (emissora SBT). Busco neste sentido, trazer para a prática pedagógica elementos que possam nortear a prática docente,

que envolvem as linguagens e valores que a televisão, por meio destes programas infantis está incutindo em nossas crianças.

Ao pensar este tema, volto ao tempo de minha infância, a qual se desenvolveu numa intensa e tenra disputa e discriminação contra as meninas. Na época julgava às meninas inferiores aos meninos pelo fato de serem menos habilidosas, e também pelo fato de que observava na televisão um ser frágil e dócil que corriqueiramente encontrava-se em prantos por qualquer acontecimento. Acredito que algumas dessas cenas exibidas pela televisão e assistida por mim contribuíram para que naquele momento com idade entre sete e oito anos formasse o conceito de que o sexo feminino (as meninas) estariam sempre em segundo plano.

Assim que adentrei no âmbito acadêmico, mais precisamente ao ter contato com a matéria de pedagogia, tive a curiosidade de aprofundar-me na temática de gênero para conseguir entender um pouco mais sobre a esta opressão que ocorre do sexo masculino sobre o sexo feminino. A partir de então voltei em minhas lembranças passadas à minha infância e às formas discriminatórias que haviam ocorrido, foi então que me perguntei de onde vieram tais conceitos? Lembrei-me das cenas de televisão de programas infantis que assistira na época e percebi que eles tiveram influência significativa a fazer-me pensar da maneira que pensava.

Realizando práticas e observações nas escolas, percebi que aquela discriminação anteriormente relatada ainda perdura nos dias atuais entre os alunos, e acredito que os programas infantis assim como outros programas exibidos pela televisão, podem estar influenciando a forma de comportamento destes meninos e meninas, sendo que tomo como base o vislumbamento de cenas de televisão que

expõem as mulheres como simples objetos, e essas imagens podem vir também assim como os programas infantis a estimular as formas de comportamento dos meninos e meninas.

Tendo essa situação como realidade das escolas atuais não gostaria e não me conformo de ver esse processo discriminatório acontecendo ou que o mesmo perdure durante anos nas escolas, portanto, com este trabalho pretendo promover uma discussão que permita a nós professores e professoras entender e estudar as linguagens e imagens transmitidas pela mídia televisiva, expostas em programas infantis que teoricamente teriam maior audiência entre as crianças de cinco a onze anos de idade no horário da manhã.

Ao pesquisar esse tema não obtive muitas literaturas que apontassem na direção da investigação das questões de gênero expostas em programas infantis exibidos pela televisão, embora haja muitos estudos sobre a indústria cultural e as mídias assim como sobre as relações de gênero e sexualidade.

Acredito que, ao se tratar de um tema que há tempos é debatido dentro do espaço acadêmico como as questões de gênero, é interessante entender se este processo não começa quando ainda somos muito novos, mais precisamente quando estamos formando nossos conceitos e pré-conceitos, e como a televisão é um veículo de informação que a maioria da população tem contato, torna-se alvo de estudos, com intuito de descobrir se exerce ou não influência na constituição de sujeitos e na formação de identidades dos indivíduos.

Traço como objetivos deste trabalho a reflexão sobre como as crianças estão expostas às questões de gênero seguindo um modelo patriarcal dentro dos programas infantis “TV Xuxa e Bom Dia & Cia”, através de formas de linguagem, vestimentas, brincadeiras, desenhos e propagandas voltadas ao público infantil.

Se estes programas estimulam as formas de discriminação das mulheres, influenciando, nos telespectadores formas de estar, agir e se comportar na sociedade, na tentativa de delegar papéis masculinos e femininos.

# **CAPÍTULO I**

## **1.1 Os Embates Feministas.**

Ao me debruçar sobre o tema de gênero, trato de trazer à tona um breve histórico sobre os estudos de gênero, para situar o leitor e a leitora sobre a luta das mulheres ao longo dos anos.

No decorrer da história em muitos e diversos momentos, observamos ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra as mulheres, porém ao pretender referir-me ao feminismo como movimento social organizado o tema nos remete ao ocidente em meados do século dezenove.

O gênero segundo as historiadoras<sup>1</sup> do tema nasce em duas ondas do movimento feminista. A primeira onda liga-se, em torno do movimento sufragista, o qual buscou estender o direito ao voto às mulheres, sendo que este direito no Brasil começou quando o direito ao voto foi estendido às mulheres brasileiras, na constituição de 1934. A partir desta reivindicação muitas outras surgiram como, por exemplo, o direito a educação, a condições dignas de trabalho e ao exercício da docência. A história ao referir-se ao movimento feminista ao longo do tempo o trata como sendo singular, porém já é possível visualizar várias vertentes políticas que

---

<sup>1</sup> Dagmar Mayer, Guacira Louro e Claudete Cembranel.

fazem do feminismo um movimento heterogêneo e plural nesta época, (DAGMAR MAYER, 2003).

O sufragismo na virada do século permitiu maior visibilidade às manifestações contra a discriminação feminina. E tinha como objetivos imediatos proporcionar às mulheres oportunidades de estudo ou acesso a determinadas profissões assim como reivindicações ligadas a uma organização da família, porém esses interesses eram voltados às mulheres brancas de classe média, e ao alcançar as metas houve certa acomodação do movimento, (GUACIRA LOURO, 1997).

A luta das feministas nesta época baseou-se mais na questão do direito ao voto e o acesso ao ensino superior, não dando muita relevância aos movimentos socialistas que lutavam por formação de sindicatos e por melhores condições de trabalho e salário, e a um feminismo anarquista que articulava ao direito à educação questões sobre o direito de decidir sobre o próprio corpo e sua sexualidade (DAGMAR MEYER, 2003), segundo a autora desde sua origem o movimento feminista é multifacetado<sup>2</sup>.

A segunda onda do movimento feminista inscreve-se nos anos 60 e 70 do século vinte, nos países ocidentais. No Brasil no início dos anos 80, associado à eclosão de movimentos de oposição aos governos da ditadura militar.

---

<sup>2</sup> Multifacetado significa que o movimento não tem um único sentido, uma única dimensão, nem mesmo uma única bandeira de luta: tem muitas facetas.



A partir desta fase do movimento feminista, que se iniciou em meados da década de 1960, o feminismo passa a se ater mais as construções propriamente teóricas, mas continua com suas preocupações sociais e políticas.

Nesse período tende ao reconhecimento da necessidade de um investimento na produção do conhecimento, com o desenvolvimento de estudos e pesquisas que não objetivassem somente denunciar, mas compreender e explicar a subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres tinham sido historicamente submetidas, (DAGMAR MEYER, 2003).

O ano de 1968 tornou-se o marco de rebeldia e da contestação, a manifestação coletiva da insatisfação e do protesto que já vinham sendo gestados por algum tempo.

Neste mesmo ano observam-se intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens, enfim diferentes grupos, que expressavam segundo (GUACIRA LOURO, 1997, p. 16) “... sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, as grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento”.

É nesse contexto de efervescência política e social, de contestação e de transformação, que ressurge o movimento feminista contemporâneo, expressando-se não mais apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas agora através de livros, jornais e revistas, e a partir daí surgem os estudos da mulher, (GUACIRA LOURO, 1997).

A segregação social e política a que ao longo da história as mulheres foram submetidas, tivera como consequência uma invisibilidade como sujeito. Essa invisibilidade caracterizou a partir de múltiplos discursos a esfera do privado, no qual remetiam as mulheres ao mundo doméstico, como se o mesmo fosse o verdadeiro universo da mulher.

Essa visão vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres, que passam a ocupar locais de trabalho diferentes como, escritórios, lojas, escolas e hospitais. Em meados do século dezenove, as mulheres das camadas burguesas européias e americanas, passam a ocupar esses espaços, porém suas atividades são controladas e dirigidas por homens (neste caso chefes), essas atividades eram ligadas à assistência social, e ao cuidado de outros ou à educação. Essas ocupações foram sendo organizadas como trabalho de mulher, nas diferentes sociedades e países, a partir daí torna-se objetos de estudo desse campo, no qual seu maior mérito foi segundo (DAGMAR MEYER, 2003, p.13) “... o de colocar as mulheres, seus interesses, necessidades e dificuldades em discussão”.

Algumas mulheres com intenção de fazer avançar as análises do coletivo, fundam revistas, promovem eventos e se organizam em grupos ou núcleos de estudos, formando guetos para que os grupos de mulheres possam se reunir e desenvolver seus estudos.

Esses primeiros estudos tiveram relevância, pois transformaram as até então esparsas referências às mulheres em tema central. Segundo (GUACIRA LOURO, 1997, p.19):

Levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz aquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos. As mulheres começam a se identificar nas obras literárias, começam a dar ao estudo feminista um caráter político.

Algumas pesquisadoras se baseiam nas teorias marxistas, outras nas perspectivas da psicanálise, existem também algumas estudiosas que se baseiam nas teorias propriamente feministas, originando um feminismo radical. Segundo (GUACIRA LOURO, 1997), em cada um destes grupos teóricos se reconhece a opressão sobre a mulher.

O feminismo em sua trajetória foi permeado por confrontos e resistências com aqueles e aquelas que utilizavam e/ou reforçavam as justificativas biológicas ou teológicas para distinguir as desigualdades entre homens e mulheres.

A partir daí as feministas se viram frente ao desafio de, segundo (DAGMAR MEYER, 2003, p. 14) "... demonstrar que não são características anatômicas e fisiológicas, em sentido escrito, ou tampouco desvantagens socioeconômicas tomadas de formas isoladas, que definem diferenças apresentadas como justificativa para desigualdades de gênero".

As diferenças de gênero se dão nas diversas manifestações de homens e mulheres dentro da sociedade. Adiante veremos que a mídia em seus programas reforça as questões de diferenças de poder entre os gêneros e também os valores empregados pela sociedade patriarcal, fazendo-nos mesmo que inconscientemente adotar certos padrões discriminatórios que reforçam uma inferioridade das mulheres na sociedade.

Segundo (GUACIRA LOURO, 1997, p.20):

“O argumento de que os homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar algum papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem científica, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social”.

As feministas passariam a argumentar a partir deste ponto que são;

“... os modos pelos quais as características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico”, (DAGMAR MEYER, 2003, p.14).

Não são as características sexuais, mas como são representadas ou valorizadas essas características, que vai constituir tornar, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade em um dado momento histórico. Importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que o socialmente se construiu sobre os sexos, (GUACIRA LOURO, 1997).

Estes estudos possibilitaram às mulheres a visibilidade de como eram vistas até então pela sociedade, ou vitimizadas, e como marco inicial na forma em que as mulheres começariam a se questionar sobre seus direitos sociais e formas de subordinação até então por elas vivenciadas, em outras palavras, de vítimas passam a ser sujeitos. A partir de então, adota-se uma postura contraditória a essa repressão através de manifestações das próprias mulheres e de seus aliados contra uma discriminação e lutam por direitos iguais aos dos homens, formando grupos para lutar por essa liberdade.

A partir da conscientização de sua vitimização e organização destes grupos de estudos, formulam-se pesquisas e/ou estudos denominados estudos de mulher,

vindo a deixar publicas as reivindicações e lutas das mulheres por direitos igualitários.

As mulheres passam a partir de então a ocupar locais de trabalho nunca antes alcançados, isso valoriza a luta feminina que agora têm melhores condições e são reconhecidas dentro da sociedade, porém ainda perdura o preconceito em algumas áreas de trabalho assim como no modo de se expressarem e de agirem, sendo sempre estereotipadas pela sociedade como sexo frágil.

Começa a partir de então, uma discussão sobre como essas diferenças eram colocadas na sociedade, utilizava-se das questões fisiológicas e anatômicas para justificar essas diferenças entre homens e mulheres. Fez-se necessário a partir de então, conceituar gênero para que se pudesse romper com a idéia da diferença entre homens e mulheres serem biologicamente determinados, veremos adiante como se deu a conceituação de gênero ao longo dos anos.

## **1.2 Conceito de Gênero: um conceito relacional e plural.**

Ao conceituar gênero pretendia-se um rompimento com a igualdade na qual a ligação de um determinado gênero a um sexo anatômico resultava em diferenças inatas e essências para argumentar que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres eram socialmente e culturalmente construídas e não biologicamente determinados, (DAGMAR MEYER, 2003).

Visando rejeitar um determinismo biológico no uso de termos como sexo ou diferença sexual, as feministas anglo-saxãs passam a utilizar a palavra *gender* como distinto de *sex*, desejando acentuar através da linguagem, o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, (GUACIRA LOURO, 1997).

Não é negado que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuais, porém se enfatiza a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

Para Claudete Cembranel (2001), o conceito de gênero além de uma compreensão de construção histórica e social em torno do sexo masculino e do feminino, enfatiza os mecanismos e instituições culturais e sociais, envolvidos com essa construção. A idéia do sexo feminino é a de um corpo frágil, um ser amável e dócil, rodeada de cuidados, o modelo de mulher, mãe, dona-de-casa e esposa.

Para Joan Scott in (CLAUDETE CEMBRANEL 2001, p.3) “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e mais, uma forma primária de dar significado as relações de poder.”.

O conceito de gênero segundo (DAGMAR MEYER, 2003, p.16);

... Engloba todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres; por isso, ele nos afasta de abordagens muito mais amplas, que nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino e, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essas representações.

Conforme (GUACIRA LOURO, 1997, p.22) “O conceito pretende se referir ao modo como as características sociais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”. O conceito serve como uma ferramenta analítica que é ao mesmo tempo, uma ferramenta política.

Gênero pode ser entendido como a forma que os sujeitos identificam-se histórica e socialmente como masculino e feminino (MARIANGELA MOMO & JANAÍNA NEULS), [s.d.]. Para estas autoras as marcas de gênero, assim como doenças, acidentes ou intervenções cirúrgicas são adquiridas pelo corpo ao longo do tempo, podemos dizer então, que a constituição dos gêneros não é linear nem apresenta regularidade.

É no campo do social que se constroem e se reproduzem às relações desiguais entre os sujeitos. Essas justificativas para referenciar as desigualdades são buscadas não nas diferenças biológicas, mas segundo (GUACIRA LOURO,

1997, p.22) “... nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação”.

Gênero ao longo da vida nos aponta a noção de que através das práticas sociais e diversas instituições, nos forma como homens e mulheres, num processo não linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo. O conceito de gênero enfatiza o modo de ser feminino ou de ser masculino, esse grande número e conflitos dos processos construídos pela cultura e que distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, se expressa pela articulação de gênero com outras marcas sociais, tais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade, (DAGMAR MEYER, 2003).

O conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, porém obriga aqueles/as que o aplicam ao considerar as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Busca-se, contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, evitando ao máximo afirmações generalizadas a respeito da mulher ou do homem. De acordo com (GUACIRA LOURO, 1997, p.23) “... o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre as mulheres e homens são diversos”.

Ao analisar a televisão observa-se que este papel da polaridade HOMEM X MULHER é bastante explícita em sua programação. Isto ocorre nos programas que têm seu foco voltado aos mais novos (crianças), mostrando como devem portar-se em seus papéis de meninos e meninas, nos quais existe o reforço da idéia que, para as mulheres, cabe o papel de cuidar da casa e das suas crias (filhos), assim como do seu marido. Ao homem, caberia o papel de comandar a casa (dar ordens) e



trabalhar para sustentar sua família. Assim, os programas inculcarão as crianças através de desenhos, brincadeiras e propagandas, até os programas voltados à família, no qual o homem é o gestor que comanda a família e a mulher é subordinada a ele e tendo como principal a função cuidar da casa, reforçando assim a delegação de poder em nossa sociedade. No próximo capítulo do trabalho esta temática será retomada, pois observa-se na televisão um foco específico de formação das pessoas.

O conceito em suas característica social e relacional não deve se referir à construção de papéis masculinos e femininos. Papéis segundo Guacira Louro (1997) seriam padrões ou regras arbitrárias estabelecidas por uma dada sociedade para seus membros que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar, essa concepção pode se tornar redutora ou simplista.

Joan Scott (*in* IZAURA FISCHER 2001, p. 10) afirma que: “[...] a condição de gênero legitimada socialmente se constitui em construções, imagens, referências de que as pessoas dispõem de maneira particular, em suas relações concretas com o mundo.”.

Para Saffioti (*in* CLAUDETE CEMBRANEL, 2001, p. 02) “[...] a construção de gênero pode, pois, ser compreendida como um processo infinito de modelagem – conquista dos seres humanos que têm lugar na trama das relações entre mulheres, entre homens e entre homens e mulheres.”.

As crianças podem através de relações lúdicas que um espaço coletivo propicie a elas, compreender sentidos e significações atribuídos à categoria de gênero, histórica e socialmente, através da integração de uma pedagogia latente ou implícita (GOMES [s.d.]).

Baseado no jogo diferença/identidade, segundo Claudete Cembranel (2001) meninos e meninas constroem-se e crescem através de práticas sociais exclusivamente masculinizantes ou feminilizantes, aprendem desde muito cedo a criar e imitar papéis socialmente atribuídos a seus respectivos gêneros, de acordo com as diversas concepções de sociedade.

Já na infância podemos observar diferenciações de gênero, Maria Heilborn (1995) em uma pesquisa realizada no estado do Rio de Janeiro, relata que os meninos possuem mais tempo livre que as meninas, pois estas são instruídas desde cedo a cuidarem das obrigações da casa (trabalhos domésticos) limpar, passar, cozinhar, etc. Já aos meninos cabem as tarefas que os pais julgam pesadas como lavar o banheiro, varrer o quintal ou limpar a laje. Sendo escasso o tempo das meninas para se divertir (brincar). Segundo a autora o tempo jamais é neutro.

Observei nos programas A e B<sup>3</sup>, mais precisamente nas propagandas dos mesmos e prêmios ofertados durante o programa B, como são dirigidos ao público às mercadorias. Essas acabam reforçando a idéia dos gêneros serem distintos, pois com relação às meninas tanto as propagandas como os prêmios são voltados a uma esfera dócil, frágil com intuito de ensinar como as meninas devem se portar quando adultas (com a intenção de instruí-las) através de brinquedos de cozinha em miniaturas, bonecas estereotipadas como magras, ursinhos, etc. Já para os meninos as propagandas mostram brinquedos violentos, agressivos com corpos musculosos estereotipando desde cedo como devem ser os meninos quando adultos na

---

<sup>3</sup> O programa “A” refere-se ao TV Xuxa e por sua vez o programa “B” refere-se ao Bom Dia & Cia.

sociedade fisicamente, os tornando agressivos e os preparando para serem patriarcais dentro da família aquele que suprirá o lar e sozinho terá de sustentar toda sua prole e sua mulher. Os desenhos de ambos os programas, assim como os prêmios distribuídos pelo programa B também reforçam essa idéia.

Na dinâmica do gênero, as identidades são sempre construídas. Não é possível fixar um momento seja esse a concepção, a puberdade ou a maturidade – no qual se estabeleça, ou seja, assentada a identidade de gênero. As identidades estão sempre se constituindo, são instáveis e passíveis de transformação, (GUACIRA LOURO, 1997).

Disseminada em vários contextos da sociedade, a educação informal (doméstica) e/ou educação de instrução escolar, constitui uma das bases da exclusão e da violência contra o feminino Izaura Fischer (2001).

Ao discutir aprendizagem de papéis masculinos e femininos, ficariam sem exame além das inúmeras formas assumidas pela masculinidade e a feminilidades, também as complexas redes de poder que através das instituições, discursos, códigos, práticas e dos símbolos, constituem hierarquias entre os gêneros, (GUACIRA LOURO, 1997).

Entendo estas redes de poder citadas pela autora como os lugares no quais meninos e meninas vivenciam questões que implicam e/ou reforçam papéis femininos e masculinos na sociedade, locais estes como, por exemplo, nas escolas dentro das aulas, discursos realizados na rua, televisão, nos programas sejam eles infantis, jornalísticos, novelas, propagandas, etc. Também vislumbramos essas relações de poder em práticas esportivas ou corporais que acontecem dentro das

aulas de educação física escolar nas quais meninos e meninas não realizam atividades conjuntas sendo algumas atividades exclusivas dos meninos e/ou meninas ou através de folhetos ou fotos que reforcem a dualidade nas relações de poder entre homens e mulheres.

Alem disso o conceito de gênero aponta não somente para as mulheres e nem mesmo suas condições de vida como objeto de análise. Ele traz a idéia implícita de que se deve tomar como referência, as relações de poder entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como sujeitos de gênero. Esse conceito propõe segundo (DAGMAR MEYER, 2003, p. 18);

“... um afastamento de análise que repousam sobre uma idéia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições culturais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação”.

Através de pequenos detalhes como brinquedos infantis, podemos reforçar as questões de espaço público reservado ao masculino (o mais violento) e o privado da submissão reservado ao feminino, como exemplo de brinquedos o carrinho, a arma e a boneca, segundo Izaura Fischer (2001), o carrinho e o revólver representam a violência, a decisão e o domínio, a boneca está associada ao trabalho da casa, ao fogão e a maternidade.

Os pais têm por hábito ou costume presentear seus filhos e filhas com brinquedos quando estes são ainda crianças, a indústria aliada com a mídia, elenca e diversifica os brinquedos delegando o que seria destinado aos meninos e o que seria destinado as meninas. Aos meninos são destinados brinquedos agressivos que reforçam seu lado dominador e opressor ou ainda materiais esportivos que

desenvolvem suas habilidades motoras e o domínio das mesmas. Para as meninas são destinados brinquedos que remetem à docilidade, tais como ursinhos, corações ambos de pelúcia, pois formulou-se a idéia de uma fragilidade do sexo feminino ou então, é ofertado às meninas ainda bonecas e utensílios domésticos em miniaturas para que desde cedo fique explícito qual o lugar da mulher na sociedade e que têm como intuito o aprendizado da criança desde cedo dos afazeres domésticos, assim como o cuidado com a prole. Porém, não é só através de brinquedos que essa situação fica explícita, a indústria cultural em filmes que, como por exemplo, os de *bang-bang*, mostram as mulheres como pessoas frágeis que sempre são salvas por um cavaleiro (homem) das mãos de um ou mais bandidos e esta se desespera e demonstra toda sua fragilidade em cena, propiciando aos telespectadores/as uma visão de sexo frágil generalizadas de todas as mulheres.

A partir dessa forma, vão sendo atribuídas para homens e mulheres personalidades, tornando-se necessário a existência e/ou formação de um ser forte – agressivo, intolerante, repetindo a cultura patriarcal e sexista garantindo a diferença entre os gêneros.

Os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, através de suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas arranjando e desarranjando seus espaços sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Porém, essas construções e arranjos são transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, mas também na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe, (GUACIRA LOURO, 1997).

Essa diferença entre os gêneros revela desigualdades e exclusões e gera pólos de opressores e oprimidos, que se mostram com maior visibilidade nas relações de gênero no espaço privado, Izauro Fischer (2001).

Entendo que ao adentrarmos no espaço privado torna-se mais visível a questão do gênero, como por exemplo, a família que têm o pai como a pessoa mais importante, o qual sustentará a figura de patriarca, fazendo com que sua mulher seja submissa a ele. Vejo também essa relação de poder na igreja seja ela evangélica ou católica, pois na igreja evangélica o poder hierárquico na delegação de papéis é em sua quase totalidade delegada aos homens negando às mulheres os cargos importantes dentro da hierarquia da igreja, reforçando uma opressão e papéis de desigualdades entre homens e mulheres e também na igreja católica, onde a figura do papa e bispos (cargos importantes) são sempre dirigidos aos homens e negado às mulheres.

Quando discutimos a produção de diferenças e desigualdades de gênero, considerando-se todos os desdobramentos do conceito, estamos ou deveríamos estar de algum modo, fazendo uma análise de processos sociais mais amplos que marcam e discriminam sujeitos como diferentes, em função de seu gênero quanto em função de articulações de gênero com raça, sexualidade, classe social, religião, aparência física, nacionalidade, etc. (DAGMAR MAYER, 2003).

Entre as estudiosas de gênero destaca-se a historiadora norte-americana Joan Scott, ela toma de empréstimo alguns conceitos pós-estruturalistas, elaborados por MICHEL FOUCAULT e JACQUES DERRIDA, em sua argumentação JOAN SCOTT da à idéia de que;

“... é preciso desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino – feminino... observa que é constante nas análises e na compreensão das sociedades um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros; usualmente se concebem homem e mulher como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação – submissão, “JOAN SCOTT (in GUACIRA LOURO, 1997, p.31)”.

Para (GUACIRA LOURO, 1997, p.33) diz que; “a lógica dicotômica carrega a idéia de que a relação masculino–feminino constitui uma oposição entre um pólo dominante e outro dominado – e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos”.

Ao destruir esta polaridade existente nos gêneros, problematizaríamos a oposição entre eles e a unidade interna de cada um. Teria como consequência a observação que o pólo masculino contem o feminino e vice-versa; dar-se ia a entender também que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido, (GUACIRA LOURO, 1997).

Segundo Teresa de Lauretis (in GUACIRA LOURO, 2003, p.32) “... o significado da diferença sexual é colocado em termos de oposição (natureza ou cultura, biologia ou socialização), o que é um modo de compreensão que está muito próximo da conhecida expressão anatomia – destino”, para essa autora a diferença sexual é cultural; em relação ao homem, o problema é conceber as diferenças (sejam elas culturais, sociais, subjetivas). O problema, conforme a autora é colocar ele, o homem, como padrão.

Além da articulação existente entre outras formas de dominação e desigualdades sociais as relações de gênero possuem um dinamismo próprio, o que pressupõe mudanças e permanências, desconstrução, reconstrução de imagens, comportamentos, valores e representações, Izaura Fischer (2001).

Os estudos de gênero vieram mostrar a discriminação sofrida pelas mulheres ao longo dos anos há muito reprimida e fazer com que estas vislumbrassem sua importância como integrantes da sociedade (como sujeitos), não só na família, mas agora em outras instâncias como ao trabalhar fora, realizar estudos, escrever suas idéias e pensamentos e desenvolver pesquisas.

A partir de então, através das lutas das mulheres por direitos iguais outras formas de preconceitos foram (re)produzidos e debatidos. Estes estudos proporcionaram para a sociedade a visão do feminino evidenciando as mulheres e proporcionando importantes estudos e pesquisas à sociedade, valorizou-se às mulheres que passaram a partir de então a lutar contra o preconceito. Porém ainda hoje, as desigualdades entre HOMEM X MULHER persiste em nossa sociedade, devido ao patriarcado que perdura ao longo dos anos. E que a luta pela igualdade gerou uma guerra entre os sexos.

Precisamos desde cedo formar pessoas conscientes dos direitos e deveres dentro da sociedade, os orientando quanto às diferenças e preconceitos para quem sabe, obter um dia uma sociedade justa com direitos iguais tanto para homens quanto para mulheres.

Tendo presente estas noções de gênero, é imprescindível compreender suas relações com a mídia, mais especificamente, sua produção na televisão. No entanto, antes de discutir sua relação faz-se necessário, apontar elementos da cultura televisiva na formação das pessoas a partir da tenra idade.



## CAPÍTULO II

### 2.1 Um Histórico sobre a televisão.

A televisão surge em 1926 criada por John Baiard, no Brasil chega no ano de 1950, tornando-se sucesso na comunicação sendo direcionada e adquirida *a priori* pelas classes sociais privilegiadas. Segundo Ininá Simões (in TALITHA SILVA, 2005, p.10);

...a inauguração da televisão brasileira ocorreu no dia 18 de setembro de 1950, quando foram ao ar as primeiras imagens da PRF-3, TV tupi de São Paulo liderado pelo jornalista Francisco de Assis Chateaubriand.

No início de sua fundação no Brasil, a televisão brasileira enfrentou várias e diversos modos de dificuldades técnicas, no qual tornou-se necessário uma contribuição de agências e propagandas americanas para preencher o horário de transmissão.

Para Jesús Barbero (2002), as televisões na América latina nascem estatais, antes que públicas, e quando estas atingem rapidamente um grande número de receptores, são privatizadas, aí então começam a depender da indústria americana para sua programação como também para um modelo de produção.

A história da televisão brasileira é dividida em dois ciclos. O primeiro organizado e dominado por Assis Chateaubriand até meados de 1960, e o segundo iniciado por volta do início da ditadura militar com o golpe de estado de 1964, no qual os militares passam a prestigiar e utilizar o grupo de Roberto Marinho.

Em 1962 cria-se o *vídeo tipe* (VT), onde através dele ocorre um processo de massificação, no qual programas como novelas, shows e partidas de futebol eram gravadas e depois exibidas em locais públicos.

Com a exibição e grande sucesso das telenovelas criam-se hábitos dentro da sociedade, onde esta começa a imitar os ídolos exibidos na televisão, surgem então às propagandas (intervalos comerciais), buscando lucrar rapidamente há um excessivo número de peças publicitárias durante a programação televisiva, principalmente nos horários noturnos. Estes intervalos buscam oferecer aos telespectadores tudo que seus ídolos midiáticos usam desde bonés até anéis e bijuterias, despertando à atenção para o potencial de consumo do povo brasileiro.

Conforme (Talitha Silva, 2005, p. 12) expõe que:

Com isso, muitos pais incomodaram-se com o poder dos novos ídolos sobre a audiência jovem e com os padrões inéditos de comportamento dos adolescentes. A televisão que, já era vista com alguma restrição por seduzir em excesso as crianças e adolescentes, passa também a ser encarada como a porta de entrada de comportamentos contestatórios.

Pois para Arlindo Machado (*in* Rosimeri Silva e Rosângela Soares, 2003, p.

82);

Televisão é um termo muito amplo que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público. Para falar de televisão, é preciso definir o *corpus*, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que estamos justamente chamando de televisão.

## 2.2 Mídia Televisiva na infância.

Segundo Milton Almeida (*in* Rosa Fisher, 2001, p.71), “... a linguagem da televisão está diretamente ligada à fala, à oralidade, à corporalidade da voz e do corpo”. Diz ainda que o que vemos e ouvimos na televisão, por mais fictício que seja, muitas vezes, será sempre próximo de nós, do que chamamos mundo real, não nos exigindo em princípio uma imaginação reflexiva<sup>4</sup>. Isso define aos telespectadores uma forma de dominação da televisão sobre os mesmos, sendo as imagens transmitidas na visão do público, uma verdade.

Ao se tratar de crianças essas verdades transmitidas pelos programas infantis caracterizam seus modos de agir e de se comportar, em meu modo de ver, baseado em (ROSIMERI SILVA e ROSÂNGELA SOARES, 2003, p. 85) quando afirmam que “... a televisão exerce muita influência sobre os/as jovens, tendo em vista que a juventude contemporânea nasceu e cresceu imersa na cultura midiática, mais fortemente imersa na cultura televisiva”. Acredito ser quando ainda criança que os seres humanos formam conceitos e valores que se estendem pelo resto de suas vidas. Entendo a programação infantil como um meio educacional que instrui a criança incutindo

---

<sup>4</sup> É aquela em que o indivíduo capta o que está presenciando, neste caso na televisão, e consegue refletir criticamente sobre o que está sendo exibido.

valores a serem seguidos dentro da sociedade, sejam eles comportamentais, relacionais, etc.

Na condição de meio de comunicação social, a televisão cujas imagens veiculadas cotidianamente consumimos, tem participação decisiva na formação das pessoas - enfaticamente, na própria constituição do sujeito (ROSA FISCHER, 2002).

As crianças desde pequenas têm como principal forma de aprendizado a imitação do adulto, na qual ela se espelha em seus pais para construção e formação de conceitos, valores e de seu intelecto.

Hoje, no entanto, nossas crianças estão cada dia mais vivenciando a televisão, pois os pais saem para trabalhar e deixam seus filhos enfrente a programas infantis, imaginando que assim estão seguros.

Contudo às vezes mesmo com os pais presentes essa situação ainda perdura, por comodismo, pois é mais fácil deixar às crianças em frente à televisão do que brincar, conversar ou dar atenção a elas visto que aos pais não interessa dispensar o tempo no trato dos filhos.

A criança passa a imitar o que é transmitido a ela nos programas que assiste na televisão, muitas vezes repetindo em casa, na escola e/ou com os colegas de sala de aula as experiências e/ou comportamentos vivenciados através da televisão.

Com essa imitação evidenciada do que se transmite pela televisão, podemos observar não só em crianças, mas também em adultos uma forte influência da televisão sobre estes, ocorrendo através desta relação, um processo de alienação.

Segundo Albert Bandura (in HELLEN BEE, 2003, p.50)

... a aprendizagem nem sempre requer um reforço direto, (...) pode ocorrer apenas como resultado de observarmos alguém realizar alguma ação. Essa aprendizagem denomina-se aprendizagem observacional ou modelação, está envolvido em uma ampla variedade de comportamentos. As crianças aprendem maneiras de brigar e bater vendo as pessoas na vida real e na televisão.

A partir de uma leitura psicanalítica, podemos entender como o sujeito se coloca diante de uma tela, A televisão muitas vezes ocupa o papel de um professor ou até dos pais, que teriam normalmente a incumbência de transmitir os primeiros ensinamentos, valores e limites às crianças. Esse fato pode ocorrer devido ao despreparo dos pais e professores em conversar com os alunos sobre determinados assuntos do cotidiano, como sexualidade violência, etc. A televisão incute dentro de seus programas esses temas transmitindo as nossas crianças formas muitas vezes preconceituosas ou errôneas de discernir/entender certos assuntos que estas desconhecem, porém estão descobrindo com a televisão.

Para Albert Bandura essa modelação nos permite aprender habilidades e informações concretas como as abstratas. Na modelação abstrata o indivíduo (criança) absorve o que está vivenciando de uma regra que *a posteriori* pode servir como base de seu comportamento específico. Por exemplo, a criança assiste um desenho, no qual o papel feminino na maioria das vezes está em segundo plano sendo submissa ao homem, a ser menos inteligente e que passa a maior parte do tempo realizando trabalhos domésticos e cozinhando, e sempre é taxada como dócil e frágil.

Ao vislumbrar essas situações a criança que está em frente à televisão presenciando o ocorrido, pode extrair a regra que as mulheres (meninas) são sempre inferiores aos homens e que lugar de mulher é na cozinha. Dessa maneira a televisão pode reforçar modelos fazendo com que as crianças assimilem atitudes e valores.

Atualmente uma boa parcela de crianças/jovens passam mais tempo em frente de uma televisão do que tendo conversas e/ou convívio com seus pais e/ou amigos, sendo assim, acredito na hipótese de que a formação de sua personalidade estará fortemente mediada pela televisão.

Antigamente os jovens e as crianças tinham o hábito de tirar suas dúvidas, pedir conselhos ou opiniões com seus pais. Hoje em dia estas respostas são advindas da televisão, através de programas televisivos de auditórios, reportagens, ou programas destinados a sua faixa etária, porém os pais percebem isso, mas pelo fato desta situação ser mais cômoda a eles, preferem se ausentar a responder às famosas perguntas da adolescência segundo Aumont (*in* SÔNIA VERMELHO 2002, p.41) “[...] retomaria estruturas primárias de constituição de sua subjetividade; a da fase de identificação primária e a fase do espelho”.

Segundo Sônia Vermelho (2002, p.41):

A identificação é um conceito central para a psicanálise, pois é fundamental para entendermos como um sujeito constitui seu eu, num processo no qual diferenciando-se de seus pais, cria uma imagem de si a partir da imagem do outro. É a fase do espelho, de formulação Lacaniana, corresponderia a um momento posterior do desenvolvimento do eu, no qual o narcisismo cumpre um papel central. Nesse período a criança começa a estabelecer um vínculo amoroso pela sua própria imagem, cuja experiência constitui-se no protótipo das futuras identificações narcísicas com outros objetos.

Experiências essas muitas vezes discriminatórias, agressivas e que promovem conflitos de gênero entre as crianças que às vezes não fazem parte de seu contexto, porém ela vivenciou de certa forma através da televisão e imita imaginando estar fazendo o correto.

Porém para Jean Piaget “o ambiente não molda a criança. Em vez disso, a criança (como o adulto) busca, de forma ativa, compreender o seu ambiente. Nesse processo ela explora, manipula e examina os objetivos e as pessoas de seu mundo, (in HELLEN BEE, 2003, p.48)”.

Discordo do autor, pois como visto anteriormente a criança assimila o que a rodeia aprendendo com os meios modos de agir, pensar assim como criando valores e atitudes pré-moldadas sobre algo. Vejo como possibilidade muito difícil uma criança dominando (manipulando) as linguagens de um programa infantil, porém vislumbro a possibilidade de o programa manipular, formatar e estereotipar essa criança através de seu conteúdo e de suas linguagens.

Por exibir programas de fácil assimilação, segundo Claudete Cembranel (2001), a televisão muitas vezes pode estar atrofiando a capacidade de pensar das crianças, propiciando um favorecimento de aprendizados por imitação, sendo observado nesta situação um processo mecânico de aprendizado, podendo levar a criação de comportamentos individuais e sociais, favorecendo até a formação de estereótipos.

Através de desenhos que são veiculados na televisão, mais precisamente nos programas infantis, as crianças retiram modelos comportamentais e valores para seu cotidiano e em sua grande maioria os desenhos ressaltam em seu conteúdo “[...] a

violência para vencer o mal que é sempre protagonizado pelo diferente (aquele que foge do modelo), competição como forma de externar os valores individuais, culto ao corpo para dar conta de um modelo físico socialmente adotado sem relação com a saúde psicológica e física de cada um e do coletivo” (SÔNIA VERMELHO, 2002, p.41).

A mídia deveria ter o papel de educar e não de motivar comportamentos violentos, segundo Claudete Cembranel (2001, p.41); “a mídia deveria proporcionar uma educação que contemple sujeitos de origens sociais e que sejam capazes de estabelecer múltiplas relações, construindo seus saberes, produzindo e, também, criando novos significados.”.

A constituição de 1988 mostra claramente o papel social da televisão, no qual o artigo número 221 explicita alguns princípios a serem seguidos na produção de programas de emissões de rádio e televisão, onde dar-se-á preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas. O que reforça o citado acima é a lei número 8069, de 13 de julho de 1990 (estatuto da criança), que obriga as emissoras de rádio e televisão a exibirem, somente programas com as finalidades já citadas, em horário recomendado.

Na idade de cinco a dez anos as crianças têm poder de reflexão restrito, visto que são poucas experiências realizadas ao longo de sua vida para saber discernir as informações certas das erradas, e a televisão não se preocupa com isso, pois segundo Mauro Betti (1998, p.39) “[...] a televisão consolidou a posição da criança como consumidora, destruiu a autonomia de sua infância, tornou-se uma contínua receptora, involuntária até, de mensagens estético-culturais de valor artístico mínimo e de modelos alheios a seu ambiente.”.



A televisão faz com que a criança vivencie um mundo fora de sua realidade, passando a desconhecer perigos que a vida proporciona às vezes se esquece de estudar, pois os desenhos em sua grande maioria demonstram as crianças inúmeras trapagens que dão certo e de comportamentos inadequados que tem sucesso Claudete Cembranel (2001).

Rosa Fischer (2001) indica que ao estudarmos qualquer programa da televisão quanto a formas e tipos de linguagens presentes nesse meio, teremos que nos ater à situação específica de produção e veiculação do programa analisado, sem termos políticos e culturais, e tendo principalmente que considerar o público alvo a quem se dirigem aquelas mensagens.

Visto que na televisão as relações de poder são muitas vezes marcadas pelo poder político influente que determina o que pode e/ou deve ser veiculado na televisão aos telespectadores.

Ao analisarmos a televisão e as quais os alvos ou endereçamentos a quem ela foca, necessitamos associar as linguagens tecnológicas da mídia (linguagem audiovisual), as linguagens pessoais, individuais e psicológicas, porém é necessário principalmente vislumbrarmos a questão de ordem cultural, política e social.

Sendo esses programas direcionados na tentativa de formar um cidadão nos moldes pré-estabelecidos por quem possui o poder sobre a programação da televisão.

Devemos atentar então, a quem a televisão busca dirigir sua programação e a ser críticos quanto aos programas que são endereçados a nós telespectadores, para

que não nos deixemos ser formatados pela televisão, mas que possamos identificar e escolher programas adequados a nós e a nossos filhos/as. Por terem um poder limitado de discernimento, como visto anteriormente, acredito que cabe a nós o dever de identificar e escolher os programas dirigidos a eles.

A televisão ao tratar de questões norteadoras que tangem ao estereotipo das pessoas, é nomeadora em torno do tratamento das diferenças, segundo Rosa Fischer (2002) todas as questões em torno do tratamento das diferenças de gênero, de etnia, de geração, de condição social, de profissão, etc..., estão, sobretudo relacionadas a modos de representação, de enunciação, a formas de interpretação e de comunicação, é de responsabilidade da televisão assim como dos outros meios de comunicação, no que se refere aos modos de nomear os diferentes.

Por ficarem tanto tempo em frente à televisão as crianças de hoje brincam menos, prejudicando assim seu acervo motor, o qual trás como conseqüências um precário desenvolvimento de suas múltiplas dimensões (motoras, sociais e cognitivas). E como diz Sônia Vermelho (2002), "...a televisão tem causado nas crianças que nasceram sob sua influência mudanças comportamentais, e através do brincar é que as crianças demonstram um papel de socialização na vivência com as demais crianças".

## **CAPÍTULO III**

### **3.1 Mídia televisiva e Gênero.**

Na mídia televisiva como um todo, porém de maneira mais específica em relação ao nosso objeto de estudo, que são os programas infantis, observamos linguagens, atitudes, modos de vestir dentro dos desenhos, no modo de se comunicarem dos apresentadores e também dentro das propagandas exibidas nos intervalos dos programas, que nos levam a ficar atentos quanto à temática de gênero e ao modo com que estes poderiam estar reforçando a criação de identidades nas crianças telespectadoras dos mesmos. Temos a visibilidade destas questões, que me permitem observar as diferenças dos sexos, estando para mim explícito que a televisão pode nortear um modo de ser masculino e também um modo de ser feminino, obrigatoriamente heterossexual, mostrando ser esse o único dito como normal, discriminando o diferente. Com isso a televisão pode estar influenciando na formação de identidade das crianças no que tange a questão de gênero e de suas sexualidade.

Segundo Ruth Sabat (2003), os vários artefatos educativos que existem visam como intuito primordial a formação de sujeitos, moldando-os tendo como base as normas da sociedade. Para esta autora a maioria desses artefatos educativos está presente na área cultural, à mesma cita como exemplo a televisão, que é revestida de características ditas inocentes, como prazer e diversão, que teriam como intuito

educar e produzir conhecimento. Porém funcionando deste modo a televisão pode estar conforme a autora contribuindo para formação de identidades.

Vislumbro essa situação presente também em comerciais de programas infantis, quando estes mostram cenas de meninas ganhando de presente e/ou brincando com utensílios e/ou aparelhos domésticos em miniaturas ou quando estão a brincar com suas bonecas, reforçando a idéia de que lugar de mulher é cuidando da casa, da prole e do marido. Essas imagens em meu entendimento busca reforçar uma invisibilidade que a mulher sofria antigamente, quando a estas remetia-se o mundo doméstico, como se fosse o universo da mulher. Outras propagandas de quais as mulheres também fazem parte, mas agora como adultas, também reforçam essas questões, pois geralmente a mulher faz comercial de cerveja expondo o corpo e sem falar se quer uma palavra, ou quando fala geralmente é sobre um produto de limpeza, algo para crianças ou está remetido as suas casas.

Ao mostrar propagandas voltadas ao sexo masculino, os brinquedos são geralmente agressivos e estereotipados com corpos ditos sarados, dando a entender que é uma preparação para o mercado de trabalho, no qual o homem tem que ser astuto e sempre estar competindo para ser o melhor e conseguir manter sua esposa (dona-de-casa) e sua prole. Quando se passa propagandas de adultos homens na televisão, esta mostra um homem geralmente seguro de si, que na maioria das vezes é bem sucedido, quase sempre está em um ambiente que lembra responsabilidade, por exemplo, um escritório. Na propaganda, porém, quando vai ao bar, sai do trabalho, desaperta a gravata, e, rodeado de mulheres estereotipadas

com corpos esculturais, toma uma cerveja, obtendo as “musas” como objeto de desejo e posse.

Essa construção de homem e mulher hegemônica<sup>5</sup>, feita através da televisão, pode levar as crianças a desenvolverem quando adultos tais comportamentos, fazendo com que a mulher seja sempre submissa ao homem.

Para Ruth Sabat (2003, p.152), “trabalhar com as representações de gênero e sexualidade na publicidade comporta um potencial crítico, pois é possível identificar de que formas são socialmente construídos tipos de corpos, modos de viver, comportamentos e valores apresentados nas imagens”.

Entendo que as imagens encontradas na televisão influenciam na constituição dos sujeitos. Tais imagens fazem com que consumimos não só o que a nós é oferecido, mas também valores incutidos dentro dos programas e/ou comerciais (propagandas) de como devem ser os corpos, de como devemos nos vestir, comportamentos que devemos valorizar, etc. Demonstrando ao público modelos legitimados socialmente que ao mesmo tempo, podem estar em busca de legitimação.

Os programas infantis transmitem para as crianças uma programação farta em fantasias, pois para as crianças de dois a sete anos de idade, a fantasia é de grande importância e consegue prender sua atenção frente à televisão, fazendo com que a criança passe a se identificar com a mesma. É através da fantasia que as

---

<sup>5</sup> Que perdura ao longo dos anos.

crianças constroem o juízo moral devido à relação entre cognição e afetividade<sup>6</sup>, sendo assim Merlo-Flores (*in* TALITHA SILVA, 2005, p. 22), infere que:

...a televisão age em dois níveis sobre a criança os quais podem se sobrepor e serem simultâneos. No primeiro nível, crianças extraem elementos da linguagem, do jeito de se vestir, dos temas sociais e de relacionamento para se comunicar, assim construindo uma cultura televisiva. No segundo nível os conteúdos dos programas agem como mecanismos compensatórios que se manifestam quando se tem um tipo de deficiência individual ou social.

Ao ter contato diariamente com os reforços das questões de gênero expostas até agora neste trabalho, a criança tende a aumentar a probabilidade de estas manifestações ocorrerem em seu cotidiano e/ou futuramente em suas vidas quando adultas.

A criança é vulnerável e, portanto, tem uma tendência como já citada anteriormente, natural de repetir comportamentos, esta por sua vez vai se identificar e imitar seus heróis televisivos, muitas vezes discriminatórios e reforçadores do patriarcado.

Sendo assim, a mídia televisiva ao alienar às crianças através de seus programas, às formatam e as moldam a partir de seus conceitos e pré-conceitos, exibidos diariamente nos programas infantis de forma sutil, refinada e naturalizada, quase que imperceptível, educando e formando homens e mulheres nos moldes da sociedade capitalista, para que estes ocupem e/ou reconheçam seus lugares sociais, como coloca Dagmar Mayer (2003, p. 18);

---

<sup>6</sup> Ver PIAGET, Jean. A Linguagem e o Pensamento da Criança. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

...nós não nascemos mulheres, nós nos tornamos mulheres, o mesmo se pode dizer dos homens. Isso implica, portanto, analisar os processos, as estratégias e as práticas sociais e culturais que produzem e/ou educam indivíduos como mulheres e homens de determinados tipos, sobretudo se quisermos investir em possibilidades de propor intervenções que permitam modificar, minimamente, as relações de poder de gênero vigentes na sociedade em que vivemos.

Segundo Dagmar (2003), têm se desenvolvido estudos que se envolvem com as pedagogias culturais mostrando como estamos, em nossa sociedade, sempre operando tendo como ponto de partida uma identidade que é dita como a norma, que é aceita e legitimada, um exemplo é a masculinidade branca, heterossexual, de classe média e judaico-cristã. Estes estudos assim como este trabalho buscam discutir e problematizar, como esta norma e a diferença são produzidas, quais as instancias sociais que estão envolvidas neste processo e quais os efeitos de poder dessa produção.

Entendo que tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas. Acredito que todos os dias somos induzidos de forma como já citada anteriormente sutil e quase natural a nos enquadrarmos em identidades impostas a nós pelos que possuem o poder. E esses através da televisão que é um meio de comunicação e alienador das massas que atinge bilhões de pessoas, passam a moldar a sociedade desde cedo, na qual encontra-se maior facilidade de alienação, pois é quando pequenos que os indivíduos são mais vulneráveis a este processo e estão formando seus conceitos.

O que necessitamos é de uma construção de sociedade mais justa e igualitária, não pensando somente na temática do presente trabalho, mas em todos os seus níveis de relação.

Por esse motivo pretendo analisar o conteúdo dos programas infantis citados para observar se os mesmos transmitem os temas até aqui abordados em meu trabalho



## **METODOLOGIA**

Este trabalho caracteriza-se por tratar-se de um estudo observacional, de cunho qualitativo, com o qual se buscou, a partir da análise de programas televisivos infantis previamente selecionados e gravados em DVD, verificar como estão expostas pela mídia televisiva as questões de gênero, dentro dos programas infantis.

Segundo (MARIA MINAYO, 1998) a pesquisa qualitativa trabalha com uma gama muito ampla de significados, motivos, desejos, crenças, valores e atitudes, permitindo que o autor ou a autora se envolva diretamente com a situação e traz consigo a possibilidade da observação dos agentes no seu cotidiano.

A idéia de escolher dois programas de emissoras diferentes, delimitando este trabalho aos programas de maior audiência, por entender que o maior alcance de determinados programas podem desenvolver um consenso sobre o que vem a ser homem ou mulher em nossa sociedade. Essas emissoras foram denominadas durante o trabalho de “A” (TV Xuxa) e “B” (Bom Dia e Cia). As duas emissoras são caracterizadas por programações abertas ao público, tendo grande importância e repercussão no cenário da mídia televisiva nacional.

O período da manhã foi escolhido para realização das gravações, mediante ao fato de serem veiculados na televisão um grande número de programas infantis neste horário e também por levar em consideração o fato de ser esse momento em que as crianças em sua maioria teoricamente, as crianças – na maior parte dos casos encontram-se sozinhas em frente à televisão, visto que os adultos

responsáveis geralmente cuidam dos afazeres domésticos, e deixam as crianças “sob o cuidado da televisão”, tornando-se livres e sem supervisão para assistirem seus programas prediletos.

Foram selecionados dois programas de cada emissora, sendo gravado uma hora diária dos conteúdos por eles exibidos, assim como de seus comerciais exibidos entre os blocos. A gravação foi realizada na segunda e na sexta-feira, por tratar-se do começo e término respectivamente da semana.

A análise foi realizada da seguinte forma: em três conjuntos com 15 minutos diários para os apresentadores, 15 minutos para propagandas comerciais e 30 minutos para os desenhos animados em cada emissora.

A opção por analisar essas três categorias citadas anteriormente, partiu do pressuposto que essas partes compõem o contexto das programações e que o poder de influência da mídia televisiva no comportamento das crianças e adolescentes toma por somatório todo esse conteúdo abarrotado de sentidos e apelos.

Buscou-se observar, portanto, a dimensão verbal e visual dos fatos assistidos nos desenhos e animações dos apresentadores, vislumbrando atentamente para o cenário, o figurino, o espaço e a linguagem verbal e corporal dos personagens.

Com relação aos produtos comerciais exibidos e oferecidos durante as propagandas, buscou-se descobrir a intencionalidade e qualidade de apresentação, os fins comerciais, a conduta moral e a finalidade de venda para meninos e/ou meninas, sendo estabelecida em unidade de tempo o referencial de análise.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Caracterização do programa:**

Com relação à emissora “A”, observa-se que o programa infantil é apresentado por uma personagem que tornou-se um verdadeiro ícone da televisão em nosso país, o programa é exibido em quadros.

Geralmente são escolhidos de três a quatro quadros por programa aleatoriamente, os quadros são os seguintes;

- Olha o bicho; como o nome já sugere trata de assuntos voltados aos animais, através deste quadro pretende-se auxiliar as crianças na compreensão da vida dos animais silvestres, como por exemplo, onde vivem, se estão ameaçados de extinção, se são perigosos, etc. O animal do programa assistido era a cobra jararaca e fizeram uma analogia entre o problema do lixo que é acumulado nas ruas, no qual se proliferam os ratos e estes são fonte de alimento das cobras, daí seu provável aparecimento nas cidades.
- Por dentro do assunto; neste quadro a apresentadora tem o auxílio de duas crianças sendo uma do sexo masculino e a outra do sexo feminino. É relatado dentro deste quadro fatos importantes do nosso cotidiano assim como curiosidades sobre determinados assuntos.

- Ta na rede; é uma fonte de informação que tem como intuito indicar sites para que os telespectadores do programa possam ter contato se o conteúdo lhes interessar.
- Agenda cultural; esse quadro tem como intuito a indicação de livros para que as crianças despertem seu interesse pela leitura, a apresentadora faz uma síntese da obra e indica o livro aos telespectadores.
- Ver e ouvir; retrata cantigas de brincadeiras antigas, no programa observado foi ao ar a cantiga do pato-patati-pataco-lá.
- Parada radical; mostra esportes radicais e trás seus praticantes em entrevistas para explicar sobre a modalidade.
- Sessão X; é o quadro que transmite os desenhos ao publico.

O cenário geralmente é alterado conforme o quadro que é exibido, este sempre busca ao longo do programa prender a atenção das crianças com figuras ilusórias ao fundo, que constantemente aparecem em movimento, em minha opinião hipnotizando as crianças, imobilizando seus corpos, fazendo com que estas não esboquem reação e que fique o máximo de tempo presas em frente à televisão.

As roupas e acessórios que as crianças vestem são as mesmas que corriqueiramente vislumbramos em nosso cotidiano, porém destacam-se duas crianças um menino e uma menina pela forma de esteriotipização com qual são vestidos, em minha opinião justamente para distinção de meninos e meninas, pois a menina aparece com vestido e laço rosa e o menino com uma camiseta laranja e uma calça jeans marrom. A apresentadora veste roupas coloridas que geralmente são trocadas durante os blocos do programa.

A linguagem utilizada é clara e simples, porém a apresentadora demonstra superioridade ao apresentar o programa, pois ela o apresenta em sua maior parte, comandando entrada e saída dos blocos e entrada dos quadros. O espaço de participação das crianças é evidente, mas as relações de poder da apresentadora são notórias.

Existem mais dois personagens virtuais que apresentam quadros no programa, um menino loiro de olhos azuis que veste um boné, tênis e bermuda ambos azuis e camiseta branca com detalhes azuis, o mesmo realiza manobras com seu *skate*, apresentando o quadro parada radical que tratava do *bodyboard* no dia, e um outro que tratava de direitos das crianças apresentado por uma menina virtual loira, de olhos azuis que vestia um vestido rosa, laços e meias rosa e calça cinza. Questiono-me o porquê sempre são destinados aos meninos os papéis que transmitem uma idéia de radicalidade, esportividade, ou qualquer papel que fuja da normalidade ou que remeta a papéis agressivos, remetendo as meninas aos papéis de coadjuvantes.

Com relação à programação infantil da emissora “B”, vislumbra-se que a mesma possui dois apresentadores dentro do programa, sendo um do sexo masculino e a outra do sexo feminino, que dialogam e interagem entre si e com o publico através de ligações telefônicas, visto que este programa não possui auditório presente e é transmitido ao vivo.

O cenário é grande e espaçoso, pois nele são realizadas certas brincadeiras (jogos) com o publico de casa. Com relação à estrutura, as paredes do cenário deixam à vista tubulações e são compostas por tijolos pequenos

também deixados a vista do telespectador, lembrando as paredes de “becos”, possuem ainda um jogo de luzes que ilumina pontos específicos do palco. O que chama atenção no palco são duas roletas que contém premiações para os participantes do programa, sendo que uma é direcionada ao público feminino e outra direcionada ao público masculino. As premiações variam, a roleta feminina é de cor vermelha e amarela e contém as seguintes premiações; jogo da vida, bicicleta, MP3, patinete, patins, *playstation 2*, *melocoton*, *barbie*, *hello kitty*, *my little pony*, e a roleta dos meninos é de cor azul com amarelo e contém as seguintes premiações; bicicleta, patinete, patins, MP3, jogo da vida, *playstation 2*, *skate*, *hot wheels*, carro de controle remoto e um jogo topa ou não topa.

Em relação ao figurino, verifica-se que as roupas são coloridas, o menino veste uma calça jeans azul, uma camiseta verde e um tênis branco já a menina veste um vestido rosa, uma calça social cinza e sapato preto, ambos os apresentadores/as utilizam diversos adornos como brincos, pulseiras e lenços que teoricamente servem para dar um certo ar de modernidade a eles/as.

As linguagens dos apresentadores/as são claras e de simples compreensão, e ao falar nota-se uma grande gama de gestos realizados pelos mesmos durante a fala. O tempo de fala é igual para os dois apresentadores/as, não havendo nenhum privilégio ou ênfase para um ou para outro.

O público é incluído no programa através de brincadeiras que vão desde instrutivas como é o caso das seguintes; misturando<sup>7</sup>, monte a figura <sup>8</sup>e a prova do trânsito<sup>9</sup>,até as brincadeiras de competição como é o caso da prova do coelho<sup>10</sup>. Essa última brincadeira geralmente é realizada entre um menino e uma menina um contra o outro, sendo que fica explícito a torcida do apresentador masculino para o menino e da apresentadora para a menina e quando um dos dois perde o sexo oposto é alvo de chacotas. Ao vencer a brincadeira o telespectador/a tem direito de escolher um dos prêmios que deseja ganhar e os apresentadores/as marcam esse premio e giram a roleta referente a seu sexo, no premio que a roleta parar é o que o telespectador/a ganha nem sempre sendo o prêmio escolhido por ele. Ao longo do programa são utilizadas danças e

---

<sup>7</sup> Brincadeira na qual os telespectadores/as têm que adivinhar quais as músicas que estão sendo tocadas assim como quem a cantam, porém as musicas são tocadas ao mesmo tempo com a intenção de confundir o publico.

<sup>8</sup> Brincadeira onde o telespectador/a deve acertar o quadro que está faltando na figura são ofertadas aos telespectadores/as quatro opções sendo somente uma a certa.

<sup>9</sup> Brincadeira na qual os telespectadores/as devem acertar o nome das placas de trânsito.

<sup>10</sup> Onde o coelho é colocado dentro de um cercadinho que contem seis casinhas, sendo três amarelas e três vermelhas os telespectadores/as devem adivinhar a cor da casa que o coelho irá entrar.

músicas coreografadas que fazem parte do contexto, aludindo uma alegria intensa dos personagens.

Entre os apresentadores/as não fica explícito nenhuma superioridade de gênero, também não foi encontrado nenhuma discriminação quanto à escolha dos participantes do programa por telefone no que tange a privilegiar um dos sexos.

### **Análise dos Comerciais;**

Os comerciais veiculados na emissora “A”, são basicamente voltados ao público adulto, os comerciais dessa emissora durante o programa exibiram; nove comerciais que transmitem a programação da emissora durante o dia, oito comerciais que objetivam a venda de jornais, revistas e CD's, cinco comerciais que tem como tema projetos e leis estipulados pelo governo, quatro comerciais voltados com intuito de arrecadar fundos para alguma instituição não governamental, dois comerciais que buscam estimular os telespectadores a guardar suas economias no banco em uma conta poupança, um comercial para informar sobre uma feira de filhotes de animais (cachorros, gatos,etc.) destinada a meninos e meninas e um comercial destinado a meninos e meninas buscando vender um refresco. Neste os protagonistas demonstram estar muito felizes e muito prazerosos em degustar do produto, sendo possível através da degustação realizar manobras radicais pela floresta. Não existe relação de poder



dominante entre as crianças, as duas participam igualmente durante todo o comercial.

Com relação aos comerciais exibidos durante o intervalo da programação infantil da emissora “B”, são em sua maioria, destinados ao público infantil feminino, sendo que foram observados sete comerciais voltados ao público feminino, sete comerciais voltados a ambos os sexos e apenas um comercial voltado para o sexo masculino. Sendo os outros comerciais voltados à informação sobre a programação do canal durante o dia, comerciais com fins beneficentes e governamentais além dos comerciais de grandes redes de lojas, supermercados, etc.

Para os comerciais voltados para as crianças do sexo feminino, bonecas são os produtos apresentados sob grande efeito de felicidade que as mesmas podem criar caso às possuam. São utilizados como meio de ênfase para as vendas, personagens famosas da televisão, usando termos como “sensacional”, “maravilhosa”, e que “estilo”, para definição do produto. As roupas das bonecas têm forte apelo sexual e uma grande multiplicidade de cores, com predominância da cor rosa e do vermelho, pois essas cores parecem ser o atrativo, o cenário geralmente é decorado com flores, corações e ursinhos dando um ar de fragilidade, e a música de fundo é suave e passa tranquilidade a quem está assistindo. As bonecas geralmente imitam os gestos de bebês humanos, fazendo com que tenhamos a noção de que adquirindo essas bonecas a menina esteja sendo preparada para que no futuro saiba cuidar de sua prole. Duas dessas propagandas de bonecas aconteceram dentro do programa infantil, feita

pela apresentadora do sexo feminino que utilizava linguagens sutis e carinhosas para vender a boneca, tentando assim aludir às meninas telespectadoras.

O produto destinado aos meninos era um carrinho de brinquedo que possuía propriedades ditas “fantásticas”, como o fato de colidir com outro carrinho e não serem destruídos. O cenário representa as ruas de uma cidade, a música é agressiva assim como as colisões entre os carrinhos e outros objetos do cenário.

Quando os produtos se destinam aos meninos e meninas simultaneamente, os mesmos se remetem a alimentos como sucos, chicletes e cereais matinais. Os protagonistas das cenas se mostram muito felizes e com extremo prazer em alimentar-se com tal produto, não sendo rara a utilização de personagens famosos e famosas da própria televisão para dar maior destaque. Quando não mostram alimentos em seu conteúdo essas propagandas mostram parques temáticos “Beto Carreiro *Word*”, no qual sempre aparecem crianças se divertindo e dando risadas, dando a entender que o lugar trará felicidade e prazer às crianças.

### **Análise dos desenhos**

Para melhor classificar o conteúdo dos desenhos decidimos juntos meu orientador e eu, agrupar as emissoras “A” e “B” em uma única categoria, pois ao vislumbrar esses desenhos nota-se que os mesmos apresentam conteúdos semelhantes.

A maioria dos desenhos assistidos em ambas as emissoras eram repletos de violência, com personagens que representavam crianças “super-poderosas” ou que se agrupavam e utilizavam armas de brinquedo para resolverem seus problemas.

Em outros desenhos verifica-se a existência de adolescentes e crianças que utilizavam roupas sensuais, compostas por *tops*, mini-saias e salto alto. Quando se trata de desenhos em que as meninas são as protagonistas, a figura masculina é sempre a opressora ou comandante das ações das personagens femininas, sendo geralmente uma pessoa mais velha. As mesmas são geralmente muito sentimentais e o próprio choro é destacado como uma característica tipicamente de meninas, mesmo as que apresentam super-poderes.

Por sua vez, os meninos em grande maioria são detentores do poder, da inteligência e comando do resto do grupo. A violência está presente de forma explícita, mesmo que com a utilização de bom humor e ações tipicamente infantis.

Os desenhos que atingem maior audiência entre os jovens são os desenhos ou animes japoneses, que culturalmente tem em suas raízes a violência e o papel excludente e discriminatório com as mulheres. Porém são os que são transmitidos nos dois programas infantis, salvo algumas exceções.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Diante de inúmeros problemas detectados, acredito que os programas infantis não sejam os maiores responsáveis pelos comportamentos muitas vezes inadequados apresentados pelas crianças na atualidade. As informações sobre sexualidade e as concepções difundidas pela mídia repercutem de forma negativa no processo de formação de identidade das crianças, no entanto essas informações possivelmente surgem mais intensiva e descaradamente em outros horários e em outro tipo de programação, cuja censura é usualmente demonstrada pela emissora.

Porém vislumbro nesses programas algumas questões que podem influenciar na questão de formação de identidade da criança, sendo que me parece que as questões de estereotipização do que é feminino e o que é masculino, esteja presente mais nas propagandas do que nos desenhos e nas linguagens dos apresentadores/as.

Ao demonstrarem através de um comercial cenas em que somente meninas aparecem cuidando de bonecas, que num papel fictício representam seus ou suas “filhos/as”, temos a noção que somente cabe as mulheres o papel de cuidar da prole, e também é assim quando mostram meninas brincando de casinha fazendo comida, limpando a casa e lavando a louça, dando a entender que o lugar de mulher é cuidando da casa, e a cada dia dar-se a entender que querem fazer da infância um local propício a se aprender a como ser adultos, a

formar meninas donas de casa proporcionando-lhes brinquedos em miniaturas de utensílios domésticos para que estas aprendam como se portar quando se tornarem adultas. Ao menino cabe apenas o papel de manter o sustento de sua esposa e filhos e desde pequeno as propagandas a eles destinadas são agressivas, com alto poder de destruição para encorajá-lo e prepará-lo para o mercado de trabalho futuramente.

Dentro do programa “B” existe uma roleta para meninos e outra destinada às meninas, estereotipando o que são brinquedos de meninas e os que são brinquedos de meninos, não ofertando o direito de escolha dos telespectadores/as, determinando no meu modo de ver o que é masculino e o que é feminino. Entendo estas formas de delegação de papéis do que é masculino e do que é feminino como fundamentais para formação do conceito da criança, no que tange seu entender sobre questões de gênero e discriminação, no qual as crianças não permitem a inserção do sexo oposto em brincadeiras estereotipadas como masculinas e/ou femininas pela televisão e muitas vezes pelos seus pais. Em brincadeiras como essa da roleta impõe-se às crianças, com o que cada sexo deve brincar fortalecendo o mito de que menino deve brincar só com menino e menina só com menina.

Faço um paralelo deste comentário com as aulas de educação física em que o professor separa meninos e meninas no momento das atividades ou quando faz a tentativa de trabalho com ambos os sexos geralmente surgem resistências vindas dos alunos que não são acostumados a realizar atividades juntos, e através de programas infantis vislumbram meninos brincando só com

meninos e meninas só com meninas. Acredito que a partir do momento em que há a separação dos sexos durante as atividades, cria-se uma discriminação sobre o excluído seja ele menino ou menina, pois vislumbro que meninos e meninas têm as mesmas capacidades de executarem atividades juntos não sendo necessária à fragmentação do grupo para que se desenvolvam atividades dentro das aulas de educação física e outras brincadeiras.

Nos programas infantis, existe uma cultura nos últimos anos de inserir dentro de suas programações, desenhos vindos do Japão, uma sociedade totalmente diferente da nossa, que é altamente discriminatória e repressiva com relação aos direitos das mulheres, e tem como tradição inserir as lutas em seu cotidiano desde os primeiros anos, pois essa faz parte de sua cultura e a criança sabe desde pequena distinguir luta de agressividade. Em nosso país as mulheres pouco a pouco vêm sendo reconhecidas e conseguindo direitos antes outorgados a elas, ao vislumbrar certas atitudes nos desenhos às crianças podem retirar modelos e segui-los durante toda a vida, sendo assim é necessário repensar se desenhos como esses realmente devem ser televisionados para nossas crianças e quais as conseqüências que os mesmos trazem para eles. Seria necessário que a criança tivesse o contato com o contexto e a cultura do país em que se passa o desenho, mesmo que seja através de sucintas explicações dos apresentadores dos programas sobre os desenhos exibidos para norteá-las sobre o que estarão assistindo. Com relação às lutas é necessário que eduquemos nossas crianças, a saber, discernir o que é violência ou ato de agredir, de luta, que é uma forma de manifestação corporal

que não objetiva matar, nem ferir o adversário, mas que possui regras de segurança para proteger ao praticante e a seu companheiro de luta.

Em minha opinião cabe ao professor de educação física e aos outros professores direcionar o pensamento dos alunos e fazer com que os mesmos reflitam sobre alguns questionamentos como formas de se viver na sociedade, como por exemplo, perguntas sobre o que eles entendem como papel da mulher dentro da sociedade e/ou de um casamento, explicar aos alunos a luta e as formas de opressão sofridas pelas mulheres ao longo dos anos, assim como dentro dos esportes fazer com que todos entendam o porquê às vezes as meninas são menos habilidosas que os meninos em certas modalidades esportivas dentro das aulas de educação física. Quanto às lutas cabe ao professor de educação física propiciar aos alunos a prática e discutir com eles as diversas manifestações culturais e corporais desenvolvidas através de combates fictícios, deve também problematizar as questões de violência vivenciadas por eles em seu dia-a-dia e pelos meios de comunicação e desenvolver diálogos sobre os desenhos violentos para que estes sejam entendidos como advindos de outras culturas e que contém uma outra gama de significados.

Entendo por fim que os programas de auditório, as telenovelas, os filmes e seriados são os que mais possivelmente são responsáveis por disseminar essa concepção errônea de sexualidade e gênero. Possivelmente a falta de respeito aos horários em que os programas são assistidos por toda a família e a não fiscalização das emissoras por parte dos pais e mães cria um ambiente favorável para que as crianças aprendam de forma errada conteúdos muitas

vezes inapropriados enquanto as emissoras travam uma guerra sem lei por audiência.

O uso do corpo e sua sensualidade, a banalização das relações sexuais, a exposição da intimidade de figuras públicas, os escândalos e a vulgaridade infelizmente aparentam ser as melhores formas para se obter audiência. Esse conteúdo impróprio e corriqueiro na programação diária das emissoras é tomado como algo natural e moderno, dando maior ênfase e criando curiosidade e apreciação até mesmo nas crianças.



## REFERÊNCIAS

BEE, Hellen. A Criança em Desenvolvimento. Arned, São Paulo, 2003. p.45 à 51.

BARBERO, Jesús Martín. Televisão pública, televisão cultural: entre a renovação e a invenção in RÍNCÓN, OMAR (orgs). Televisão Pública: do consumidor ao cidadão cultura e comunicação. Friedrich Ebert Stiftung. Traduzido por: Dolores Montero e Maria Carbajal. São Paulo, dezembro de 2002.

BATISTA, Ms.Sidnei Rodrigues. A Televisão e o ensino da Educação Física na Escola. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.26, n.2, p. 135-148, jan. 2005.

CEMBRANEL, Claudete. A Influência da Midia/Televisão nas Relações de Gênero nas Aulas de Educação Física. 2001. Trabalho de Monográfico de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar), Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Televisão & Educação; Fluir e Pensar A TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, Izaura Rufino. Gênero e Exclusão Social. Trabalhos para Discussão, 2001. Disponível em: 06/04/2007, em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/113.html>

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Dispositivo Pedagógico da mídia: Modos de Educar na (e pela) TV. Educ.Pesqui. [online]. 2002, vol. 28, n.1,p.151-162. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero: Uma Breve Introdução in Gênero e desenvolvimento Institucional em ONGs- Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas. Rio de Janeiro, 1995. Retirado dia: 06/04/2007

LEITE, Márcia. TV e Realidade: Produção Social e Apropriação Pedagógica (101 a 105) & FISCHER, Rosa Maria Bueno. A Construção de um Discurso Sobre a Infância na Televisão Brasileira (107 a 116) IN PACHECO, Elza Dias (orgs). Televisão, Criança, Imaginário e Educação. Campinas, SP; Papirus, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação.; uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rj: Vozes, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e política (p. 09 a 27), SILVA, Rosimeri Aquino da, SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia (p. 82 a 94) & SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para consumo (p.149 a 159) In LOURO, Guacira Lopes. NECKEL, Jane Felipe. GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis-RJ; Vozes, 2003.

MOMO, Mariângela. Gênero e consumo: a escola é o palco.

Disponível em: [http://www.coeptbrasil.org.br/opinioao\\_genero.asp](http://www.coeptbrasil.org.br/opinioao_genero.asp)

SILVA, Talitha Alexandrina do Nascimento e. A Violência na Televisão e sua Influência no comportamento Infantil. Monografia apresentada apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia do CCH-CESMAC. Maceió/Alagoas. Julho de 2005.

VERMELHO, Sônia Cristina. Mídia Educacional ou Educação com as mídias. Revista Educação em Movimento. Curitiba, v.1, n.2, p.37-43, mai./ago.2002.